# Lição 12 - Sensibilidade. Atualizações do Sentido e do Intelecto Comparadas

## TEXTO 417b18–418a25 - LIVRO II, CAPÍTULO V, CONTINUAÇÃO

> *A primeira mudança no ser sensitivo é causada pelo progenitor. Quando o ser nasce já é dotado, como que com conhecimento. A sensação atual corresponde ao ato de pensar. §§ 373-4*
>
> *Diferem, no entanto. Pois a atualização das operações do sentido vem de fora; a saber, do visível, do audível, e assim por diante para os outros sentidos. A causa [da diferença] é que a sensação, mesmo em ato, é de particulares; enquanto o conhecimento científico é de universais. Pois estes últimos estão, de certo modo, dentro da própria alma; portanto, o ato do intelecto é interior e a critério da vontade; enquanto a sensação não vem de dentro da alma e requer que um objeto sensível seja apresentado. O mesmo vale para as ciências que dizem respeito a objetos sensíveis, e pela mesma razão, ou seja, que os objetos sensíveis são singulares e externos. Mas haverá tempo mais adiante para tratar disso de forma mais conclusiva. §§ 375-80*
>
> *Por ora, está suficientemente estabelecido que "em potência" não é predicado de modo unívoco; mas significa uma coisa quando, por exemplo, dizemos que uma criança é capaz de ser soldado, e algo bem diferente quando dizemos isso de um adulto. O mesmo vale para a potência sensitiva. Como, no entanto, essa distinção não tem nome, e, contudo, está decidido que os [dois estágios] diferem, e de que modo, é necessário usar as expressões 'ser afetado' e 'ser alterado' como se fossem termos precisos. A potência sensitiva é potencialmente aquilo que o objeto sensível é em ato, como dissemos. Ela é afetada na medida em que não é semelhante: torna-se semelhante, sendo afetada; e então é tal como o outro. §§ 381-2*

## COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

# LIÇÃO DOZE

§ 373. Após distinguir entre potência e ato, e elucidar, em termos de atividade intelectual, a transição de um estado para o outro, o Filósofo agora aplica o que disse ao caso da sensação. Primeiro, mostra como ocorre a transição da potência ao ato no sentir. Em segundo lugar, em 'Diferem, no entanto', explica a diferença entre os dois casos. Em terceiro lugar, em 'Por ora, está suficientemente estabelecido', recapitula o que foi dito sobre a sensação.

Quanto ao primeiro ponto, devemos levar em conta que, assim como na cognição intelectual, também na sensação, potência e ato são cada um duplo. Pois o que até agora não possui faculdade sensorial alguma, mas por natureza deve ter uma, está em potência para a sensação; e o que tem a faculdade sensorial, mas ainda não sente, está em potência para a sensação atual da mesma forma que vimos no caso do conhecimento intelectual adquirido. Ora, assim como um sujeito passa da potência primária para a atualidade primária quando adquire conhecimento através do ensino, também a potência primária de um sujeito para possuir uma faculdade sensorial é atualizada pelo seu nascimento. Mas, enquanto uma faculdade sensorial é natural a todo animal — de modo que, no ato de ser gerado, ele adquire uma faculdade sensorial junto com sua própria natureza específica — o caso não é o mesmo com o conhecimento intelectual; este não é inato naturalmente no homem; precisa ser adquirido através da aplicação e da disciplina.

§ 374. É isso o que ele quer dizer ao afirmar que 'a primeira mudança no ser sensitivo' é causada pelo progenitor. Esta 'primeira mudança', explica ele, é da potência pura para a atualidade primária; e deve-se ao progenitor; porque há um poder no sêmen de atualizar a alma sensitiva com todas as suas capacidades. Uma vez que um animal é gerado, ele possui seus sentidos da mesma forma que um homem que foi ensinado possui conhecimento. E quando ele realmente sente, isso corresponde ao homem que realmente exerce seu conhecimento pensando.

§ 375. Então, em 'Diferem, no entanto', ele se propõe a discriminar entre a sensação atual e o pensamento; e encontra a primeira razão para distinguir essas atividades na diferença entre seus objetos, ou seja, os objetos sensíveis e os objetos inteligíveis que são alcançados pela sensação atual e pelo pensamento atual, respectivamente. Os objetos sensíveis que atualizam as atividades sensitivas — o visível, o audível, etc. — existem fora da alma; a razão é que a sensação atual atinge as coisas individuais que existem externamente; enquanto o conhecimento racional é de universais que existem de algum modo dentro da alma. Donde fica claro que o homem que já possui conhecimento científico sobre certas coisas não precisa buscar tais coisas fora de si mesmo; ele já as possui interiormente e é capaz, a menos que seja impedido por alguma causa acidental, de refletir sobre elas sempre que desejar. Mas um homem não pode sentir o que quiser; não possuindo os objetos sensíveis interiormente, é forçado a recebê-los de fora.

§ 376. E assim como ocorre com as atividades sensoriais, o mesmo se dá com as ciências dos objetos sensíveis; pois estas últimas são coisas individuais existentes fora da alma. Portanto, um homem não pode especular cientificamente sobre nenhum objeto sensível, mas apenas sobre aqueles que percebe por meio da sensação. Mas haverá tempo para tratar disso conclusivamente mais adiante, no Livro III, onde discutimos o intelecto e sua relação com os sentidos.

§ 377. Acerca do que aqui é dito, temos que nos perguntar (a) por que a sensação é de coisas individuais, enquanto a ciência é de universais; e (b) como exatamente os universais existem na alma.

Quanto a (a), devemos notar que, enquanto a faculdade sensorial é sempre função de um órgão corporal, o intelecto é um poder imaterial — não é a atualidade de nenhum órgão corporal. Ora, tudo que é recebido é recebido no modo do recipiente. Se, então, todo conhecimento implica que a coisa conhecida está de algum modo presente no conhecedor (presente por sua semelhança), sendo a atualidade do conhecedor como tal a atualidade da coisa conhecida, segue-se que a faculdade sensorial recebe uma semelhança da coisa sentida de maneira corporal e material, enquanto o intelecto recebe uma semelhança da coisa compreendida de maneira incorpórea e imaterial. Ora, nos seres materiais e corpóreos, a natureza comum deriva sua individuação da matéria existente dentro de dimensões específicas, enquanto o universal surge por abstração de tal matéria e de todas as condições materiais individualizantes. Claramente, então, a semelhança de uma coisa, tal como recebida na sensação, representa a coisa como um indivíduo; tal como recebida, no entanto, pelo intelecto, representa a coisa em termos de uma natureza universal. É por isso que os indivíduos são conhecidos pelos sentidos, e os universais (dos quais são as ciências) pelo intelecto.

§ 378. Quanto a (b), note que o termo 'universal' pode ser tomado em dois sentidos. Pode referir-se à própria natureza, comum a várias coisas, na medida em que essa natureza comum é considerada em relação a essas várias coisas; ou pode referir-se à natureza tomada simplesmente em si mesma. Da mesma forma, em uma 'coisa branca', podemos considerar ou a coisa que por acaso é branca, ou a coisa precisamente como branca. Ora, uma natureza — digamos, a natureza humana — que pode ser pensada universalmente, tem dois modos de existência: um, material, na matéria fornecida pela natureza; o outro, imaterial, no intelecto. Como no modo material de existência ela não pode ser representada em uma noção universal, pois nesse modo ela é individualizada por sua matéria; essa noção só se aplica a ela, portanto, como abstraída da matéria individualizante. Mas ela não pode, como assim abstraída, ter uma existência real, como pensavam os platônicos; o homem na realidade só existe (como é provado na *Metafísica*, Livro VII) nesta carne e nestes ossos. Portanto, é apenas no intelecto que a natureza humana tem algum ser separado dos princípios que a individualizam.

§ 379. No entanto, não há engano quando a mente apreende uma natureza comum separada de seus princípios individualizantes; pois nessa apreensão a mente não julga que a natureza exista separadamente; ela meramente apreende essa natureza sem apreender os princípios individualizantes; e nisso não há falsidade. A alternativa seria de fato falsa — como se eu discriminasse a brancura de um homem branco a ponto de entender que ele não é branco. Isso seria falso; mas não se eu discriminar os dois de tal modo que pense no homem sem dar atenção à sua brancura. Pois a verdade de nossas concepções não exige que, meramente apreendendo algo, apreendamos tudo nele. Portanto, a mente abstrai, sem qualquer falsidade, um gênero de uma espécie quando entende a natureza genérica sem considerar as diferenças; ou pode abstrair a espécie dos indivíduos quando entende a natureza específica, sem considerar os princípios individualizantes.

§ 380. Está claro, então, que a universalidade pode ser predicada de uma natureza comum apenas na medida em que ela existe na mente: para que uma unidade seja predicável de muitas coisas, ela deve primeiro ser concebida separadamente dos princípios pelos quais é dividida em muitas coisas. Os universais como tais existem apenas na alma; mas as próprias naturezas, que são concebíveis universalmente, existem nas coisas. É por isso que os nomes comuns que denotam essas naturezas são predicados dos indivíduos; mas não os nomes que denotam ideias abstratas. Sócrates é um 'homem', não uma 'espécie' — embora 'homem' seja uma 'espécie'.

§ 381. Finalmente, em 'Por ora etc.', ele recapitula suas observações sobre a sensação e observa que só agora ficou claro que aquilo que chamamos de potência tem mais de um significado. É em um sentido que dizemos que um menino pode ser um soldado, isto é, por uma potência remota. Mas em outro sentido dizemos que um homem adulto pode ser um soldado, isto é, por uma potência próxima. E a mesma distinção se aplica à percepção sensorial; como vimos, há duas maneiras de estar em potência para sentir algo. Embora não tenhamos encontrado termos para expressar essa diferença, vimos, no entanto, que os dois tipos de potência diferem, e como diferem.

§ 382. E apesar do fato de que uma coisa que passa do segundo estágio de potência ao ato, ao atualizar sua faculdade sensorial, não deveria, a rigor, ser dita 'alterada' ou 'sofrer ação', não podemos deixar de usar esses termos; e isso porque a faculdade sensorial é potencialmente tal como o objeto sensível é atualmente. Segue-se que, enquanto no início do processo de sofrer ação a faculdade não é semelhante ao seu objeto, no termo do processo ela possui essa semelhança. Foi por não terem feito essa distinção que os primeiros filósofos pensaram que as faculdades sensoriais eram compostas dos mesmos elementos que seus objetos.

---

Revision #2
Created 4 October 2026 19:45:08 by Admin
Updated 11 October 2026 22:15:06 by Admin